

Nota de Abertura

*Este número de **Análise Psicológica** é dedicado ao campo de estudo da Cognição Social.*

O nosso objectivo é o de apresentar em língua portuguesa algumas das actuais abordagens em desenvolvimento na cognição social, com especial relevo para aquelas em que autores portugueses têm apresentado algumas contribuições significativas.

Assim procuramos reunir um conjunto de artigos de investigadores que se enquadram numa perspectiva fundamental, desenvolvendo modelos e estudos empíricos nas áreas básicas da ciência que é a Psicologia, com um enquadramento da realidade fornecido pela Cognição Social. Isto é, um enquadramento que: a) pressupõe a existência de componentes comuns relativamente a diferentes conteúdos e domínios da actividade humana (Hamilton, Devine, & Ostrom, 1994); b) pressupõe que a informação é mentalmente codificada/representada e que os processos se definem em termos de manipulação/transformação dessas representações em vez de seus significados (Stillings et al., 1987); c) procura identificar os processos básicos de processamento de informação focando o modo como a informação é representada e acedida na memória bem como os algoritmos que caracterizam o modo pelos quais vários inputs são combinados para resultar num output (Smith, 1994); d) que pressupõe ser o humano um sistema de processamento de informação que tem capacidade limitada, pelo que necessita de gerir os seus recursos cognitivos (Simon, 1957, 1981) e, que e) pressupõe que as características de processamento são modeladas pelos objectivos, motivos, e necessidades do sistema (Fiske & Taylor, 1991).

Optamos por agregar neste número um conjunto de trabalhos teóricos e um conjunto de trabalhos empíricos na área da cognição social.

Os trabalhos teóricos reflectem quer uma leitura crítica e organizada de um campo da Cognição Social quer os pressupostos teóricos subjacentes a alguns modelos inovadores do campo, feitos pelos próprios autores, como é o caso do modelo TRAP (Twofold Retrieval by Associative Pathways) – desenvolvido por Leonel Garcia-Marques e do modelo FARM (Familiarity as a Regulation Mechanism) – desenvolvido por Teresa Garcia-Marques.

Os trabalhos empíricos desenvolvem teste de hipóteses associadas aos pressupostos de alguns dos modelos associados a campos da cognição social, tão variados como o do pensamento contrafactual, da crença do mundo justo, da utilização de heurísticas em tomada de decisão e da formação de impressões.

Apenas um artigo destaca-se destes dois objectivos: Um artigo escrito com o objectivo de fazer

homenagem póstuma ao eminente psicólogo social Harold H. Kelley que faleceu em Janeiro de 2003. Apesar da sua presença neste número poder ser considerada algo deslocada, não podíamos deixar passar esta oportunidade de referir o desaparecimento deste autor bem como o de salientar a grande contribuição que ele teve para o actual desenvolvimento da psicologia social.

Os artigos teóricos são os primeiros a serem apresentados neste número da Análise Psicológica. No primeiro artigo Teresa Garcia-Marques, apresenta e discute os pressupostos dualistas de processamento da informação que têm caracterizado os modelos actuais do campo da Cognição social e da Psicologia Cognitiva. Ao fazê-lo sugere a necessidade de se postular um mecanismo responsável pela activação/desactivação de um ou outro modo de processar a informação, sugerindo que este papel é desempenhado por um sentimento de familiaridade (FARM – Familiarity as a Regulation Mechanism).

Leonel Garcia-Marques, David Hamilton, Margarida Garrido e Rita Jerónimo apresentam o modelo de recuperação de informação na memória, TRAP (Twofold Retrieval by Associative Pathways) definido pelos dois primeiros autores em trabalhos anteriores. Com este modelo os autores fornecem uma explicação para a aparente incongruência dos efeitos das expectativas em processos de formação de impressões e em processos de estimativas de frequências. Tendo este modelo já sido apresentado em várias publicações internacionais, agradecemos aos autores a sua apresentação sumariada e integrada em língua portuguesa, com vista a tornar este modelo mais acessível à comunidade científica portuguesa.

No terceiro artigo com carácter teórico, Dora Bernardes, apresenta-nos uma revisão crítica e actualizada da investigação e da literatura relativa ao estudo do controlo de estereótipos. Dada a aparente inevitabilidade da activação de um estereótipo na presença de um alvo pertencente a respectiva categoria social, a psicologia social tem tentado compreender como é que o percipiente social procura inibir os pensamentos estereotípicos antes que estes influenciem os seus julgamentos e comportamentos.

Margarida Garrido e Leonel Garcia-Marques fornecem-nos uma revisão crítica da literatura relativa à questão de representação, organização e recuperação informação da memória acerca de pessoas e acontecimentos sociais, sugerindo a necessidade de se melhor perceber os processos de recuperação da informação para compreender o modo como formamos impressões sobre a realidade que nos rodeia. Para tal, sugerem a focagem nas propostas mais recentes feitas pelos modelos dualistas, que opõem um modo de recuperação exaustivo a um modo de recuperação heurístico.

O segundo conjunto de artigos apresentam abordagens empíricas a campos do estudo da Cognição Social variados.

Isabel Correia e Jorge Vala, resumem um conjunto de estudos desenvolvidos com vista a testar uma predição básica da teoria da crença no mundo justo (CMJ): a de que os observadores com maior CMJ, vitimizam mais uma vítima inocente cujo sofrimento persiste do que os observadores com menor CMJ.

Ana Cristina Martins, apresenta-nos dois estudos desenvolvidos no campo de estudo dos pensamentos contrafactuais, que revistam um estudo de Macrae e colaboradores, questionando as suas inferências relativas à activação de pensamentos contrafactuais como mediando o impacto afectivo de diferentes cenários relativos ao contexto de crimes.

Mário Ferreira e Leonel Garcia-Marques apresentam-nos um estudo empírico desenvolvido na linha das abordagens feitas por Tversky e Kahneman (1974) – que pressupõe que a actividade inferencial humana baseia-se muitas vezes em heurísticas que se opõem a alguns dos princípios estatísticos básicos. Seguindo a sugestão de Nisbett e colaboradores (1983), os autores consideram a existência de heurísticas estatísticas e sugerem que a sua utilização pode estar dependente do reconhecimento de um componente de acaso nos problemas indutivos.

Por último, Anibal Henriques e Luisa Lima, focam o impacto que diferentes afectos podem ter no

processamento de informação que varia no seu grau de relevância e familiaridade, em dois tipos de contexto: o de suporte social e o de percepção de risco.

Esperamos que a leitura destes artigos contribua para um maior debate sobre estes temas no nosso país e que incentive a realização de um número maior de investigações sobre cada uma destas áreas.

TERESA GARCIA-MARQUES